

## A difícil arte de ler e ser e o direito de ser e ler

*Que é isso de levar a ler literatura? Que há nesse movimento que o justifique?*

Luiz Percival Leme Britto

À Silvia, mulher de compromisso e voz de esperança,  
ofereço essas palavras, que, sei, nascem do que diz e  
faz uma vida inteira.

Em *A Flor e a Náusea*<sup>1</sup>, poema de esperança em um tempo pobre, Drummond, nauseado diante das melancolias e mercadorias que o espreitam, sentindo-me em meio a uma opacidade que se impõe pelo automatismo da vida – “sob a pela das palavras há cifras e códigos” –, lastima, entre angústia e revolta: “as coisas. Que tristes são as coisas consideradas sem ênfase”.

E, em *Os ombros suportam o mundo*<sup>2</sup>, poema de afirmação da vida em um “tempo de absoluta depuração”, o poeta, entranhado na vida que segue na *secura extrema* – “Tempo em que não se diz mais: meu amor. / Porque o amor resultou inútil. / E os olhos não choram. E as mãos tecem apenas o rude trabalho. / E o coração está seco” –, recusa o apelo à divindade e ao amor como esteio de vida ou à morte como solução definitiva e absoluta e declara, peremptório: “Chegou um tempo em que a vida é uma ordem. / A vida apenas, sem mistificação”.

Restam ao “poeta pobre” as palavras. Palavras, que, em “maus poemas”, manifestam a indignação contra a violência com a vida e, entremeadas de sentimento de nulidade – “posso sem armas revoltar-me” –, anunciam a esperança mínima que se manifesta por uma flor, feia, que, “fura asfalto, ilude a polícia”, põe “galinhas em pânico”.

Não será com a ilusão fantasista nem com a subordinação pragmática, e muito menos com o cálculo parametrizado, que se edificará uma sociedade de justiça, digna e equilibrada, em que todos, livres dos sofrimentos impingidos pela miséria fabricada pela iniquidade

---

<sup>1</sup> DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *A Flor e a náusea*. In. \_\_\_\_\_ **A rosa do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 13-14 (ed. Original: 1945).

<sup>2</sup> DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Os ombros suportam o mundo*. In \_\_\_\_\_ **Sentimento do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 33 (ed. Original: 1940).

perversa da ordem do Capital e suas ideologias –, possam sofrer a dor e experimentar o gozo de simplesmente viver, sem mistificação.

Não se propõe ao outro a leitura porque ela salva ou liberta ou alegra. Aliás, se propõe, mas isso resta inútil. O convite que cabe fazer, a luta que cabe travar, é de conhecer, pela arte e pela criação intelectual humana – a leitura é meio para isso –, a vida que se faz humana pela ação humana, tensa, complexa, difícil. Haverá, assim, de indagar-se quem se põe no lugar de leitor, “que coisa é homem, quanto vale, por que morre, por que vive, por que mente, por que chora, que dor é homem, indagar se há alma no homem, para que ele serve, enfim, indagar “que milagre é o homem, que sonho, que sombra” (outra vez Drummond: *Especulações em torno da palavra homem*<sup>3</sup>).

Há que reconhecer o difícil dessa tese, a quase impossibilidade de sua realização, em um tempo em que a ideia de liberdade é usurpada pelo egoísmo e pela ilusão da subjetividade majestosa; um tempo em que a ideia de solidariedade é avassalada pelo princípio de desenvolvimento movido pela competição e acumulação, em que os que os vitoriosos – bondosamente – estenderiam a mão aos miseráveis; um tempo em que o mistério da existência se banaliza em irracionalismos travestidos de misticismos e crenças mágicas, anunciando a salvação da alma oca; um tempo em que a morte trágica se metamorfoseia em espetáculos insanos; um tempo em que o outro, se não se fizer na conformidade de autoridade, é fruto (pobre?) de família desestruturada.

E também há de dizer o quão difícil é a educação para a indagação da existência e para a vida compartilhada em sociedade quando se divulga, ingênua ou astutamente, que ler é prazer, que a leitura se faz pelo hábito e pela imitação ao bom exemplo, que pela leitura se produzem bons sentimentos e ações, que cada leitura é única e que é leitor quem diz ao texto o sentido que lhe cabe (em versões simplórias ou sofisticadas), entre tantos mitos que conformam boa parte do que se tem chamado de formação do leitor.

Tornou-se de senso comum a afirmação de Paulo Freire de que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. Adotada por movimentos políticos e intelectuais tíbios, essa tese involucra todo tipo de ingenuidade e oportunismo, esvaziando a tensa dialética freireana. O próprio

---

<sup>3</sup> DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Especulações em torno da palavra homem*. In \_\_\_\_\_. **A vida passado a limpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 28-32. (ed. Original: 1959)

educador adverte sobre a necessidade de ir mais longe e dizer que “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”<sup>4</sup>. Daí porque, “tanto no caso do processo educativo quanto no do ato político, uma das questões fundamentais seja a clareza em tona de *a favor de quem e do quê*, portanto, *contra quem e contra o quê*, fazemos a educação e de *a favor de quem e contra o quê* desenvolvemos a atividade política”. E conclui, definitivo: “entendemos, então, facilmente, não ser possível pensar, sequer, a educação sem que estejamos atentos à questão do poder”<sup>5</sup>.

Certamente, a literatura – e a arte como um todo – tem muitas razões de ser e de ser fruída, conhecida, vivida. Mas a razão de querer fazer dela um gesto humano necessário só pode ser aquela de, livre da fantasia e do pragmatismo, permitir à gente toda indagar de sua condição de existência – “que coisa é homem, se existe homem?”. E o compromisso de quem se bate pela disseminação da possibilidade – objetiva, material e intelectual – de que todos possam ler é necessariamente o do direito à vida – imprescindível, inalienável, embora hoje solapado pelo egoísmo sistêmico da ordem do poder e por sua ideologia.

---

<sup>4</sup> FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In \_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler – em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1982, p. 22.

<sup>5</sup>. FREIRE, Paulo. Alfabetização de adultos e bibliotecas populares. In \_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler – em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1982, p. 27.